

Os mandatos de Lula e sua imagem na eleição presidencial de 2002 e 2006¹

Philipi Accete Nicácio PLÁCIDO²
Luciana da Conceição Farias SANTANA³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Depois de tentar várias vezes ser eleito presidente, Luiz Inácio Lula da Silva conseguiu chegar ao posto máximo do Brasil em 2002. O artigo tem o intuito de mostrar quais fatores ajudaram ele a chegar ao poder e o que ele precisou mudar para convencer as empresas à apoiarem seu governo. Foi importante para Lula também melhorar sua situação na Câmara, pois não possuía a maioria da Casa. O artigo mostra que foi preciso uma amplitude ideológica muito grande para garantir a governabilidade. Muitos partidos de oposição decidiram se unir para receber um pacote de benefícios para ser situação. O governo Lula também ficou marcado por muitos casos de corrupção ao longo dos 8 anos de mandato. Porém, o artigo ainda fala de como a imagem do presidente ficou pouco arranhada mesmo após os escândalos de corrupção ao seu redor.

PALAVRAS-CHAVE: Eleições, Imagem, Lula, Mandato, Presidente.

INTRODUÇÃO

O ano de 2002 foi emblemático para a militância de esquerda pois pela primeira vez um partido que não era de centro ou direita venceu a corrida eleitoral para presidente. A vitória de Luiz Inácio Lula da Silva só foi possível por causa de um discurso moderado e um diálogo mais aberto do que no início da carreira política com empresas, empreiteiras e bancários. Ter uma coalizão mais ampla também proporcionou um apoio e uma governabilidade bastante consistente nos projetos, apesar da grande quantidade de casos de corrupção sob seu governo.

Este artigo, portanto, pretende abordar o contexto e a campanha do pleito eleitoral para presidência de 2002, o mandato exercido por Lula até 2010 e analisar o impacto dos escândalos de corrupção na figura do presidente. Tudo em uma visão política e econômica.

A falta de confiança no governo tucano proporcionou pouca força para José Serra e como Lula usou isso a favor e pavimentou sua vitória nas urnas são assuntos abordados

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Graduando do Curso de Jornalismo do COS-UFAL. E-mail: accete@gmail.com.

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do COS-UFAL. E-mail: lucianasantana@ics.ufal.br.

mostrando resultados eleitorais e gráfico. Os oito anos de mandato de Lula também foram analisados, mostrando que o país obteve avanços econômicos importantes, porém, as conquistas sociais foram destaque internacionalmente.

No entanto, no período de poder petista houveram muitos escândalos de corrupção que ligavam diretamente ao Partido dos Trabalhadores e indiretamente à Lula. Será que houve voto punitivo? A popularidade de Lula continuou alta? Como a oposição aproveitou a situação? Lula sofreu impacto pouco significativo, e neste texto é possível entender a estratégia para que pouca coisa respingasse na figura presidente.

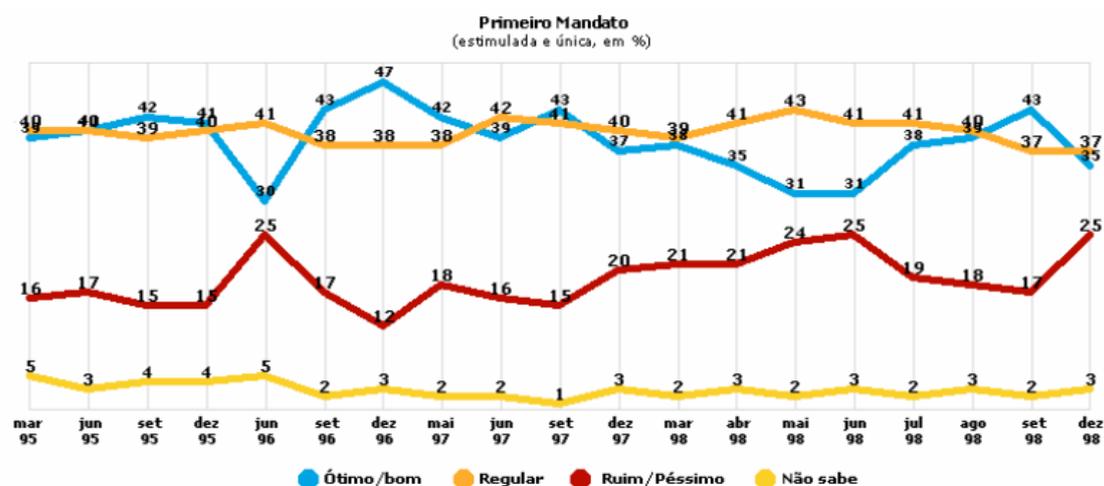
CAMPANHA ELEITORAL DE 2002

No primeiro turno da eleição em questão disputaram seis candidatos: Lula pelo Partido dos Trabalhadores (PT); José Serra pelo Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB); Anthony Garotinho pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB); Ciro Gomes pelo Partido Popular Socialista (PPS); José Maria pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e Rui Pimenta pelo Partido da Causa Operária (PCO). Passaram para o segundo turno Lula (46% dos votos) e Serra (23%).

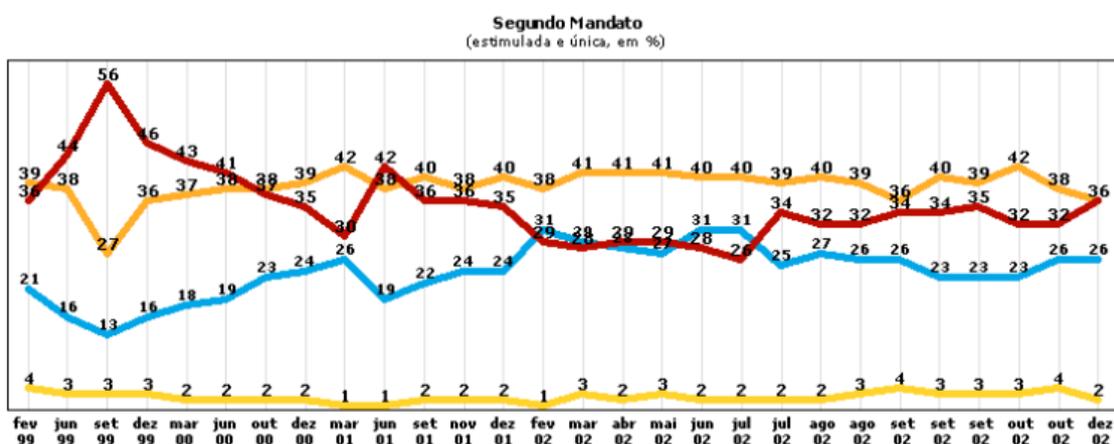
No segundo turno, com o apoio dado por Ciro e Garotinho a Lula, Serra ficou isolado na disputa. Mesmo assim, Serra conseguiu elevar seu número de votos em quase 13 milhões, enquanto Lula elevou em quase 14 milhões. Ao fim do segundo turno, o petista venceu a corrida eleitoral vencendo Serra com 21 pontos percentuais de vantagem (61% x 39%).

José Serra venceu Tasso Jereissati, uma das lideranças do partido, e entrou na batalha para ser o sucessor de Fernando Henrique Cardoso (FHC). Como então o presidente que estava na equipe de Itamar Franco na época da implementação do Plano Real e com bastante prestígio político e social não conseguiu fazer seu sucessor em 2002? No gráfico 1 é possível ver uma queda brusca da avaliação do eleitorado em relação ao fim do primeiro mandato de FHC para o segundo mandato.

GRÁFICO 1 – EVOLUÇÃO DA AVALIAÇÃO DO PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (1995-2002)



Fonte: Na sua opinião o presidente está fazendo um governo ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?
Base: Total da amostra



FONTE: Instituto de Pesquisas Datafolha (2002).

Há muitas perguntas sobre de onde veio tamanha desconfiança do governo de FHC. O descrédito do governo se deu por causa da instabilidade econômica. O Real estava desvalorizando juntamente com a falta de melhoria econômica como aumento de renda e emprego das populações principalmente mais pobres. A crise energética de 2001 também colocou em dúvida todo o planejamento de estabilidade que foi vendido como plano do governo FHC. Além da falta de investimento, houve também a falta de chuva para abastecer as hidrelétricas. Tanta instabilidade enfraqueceu a popularidade do ex-presidente do PSDB.

Houve uma percepção majoritária de que o Governo FHC não fez o suficiente para melhorar a vida das pessoas mais pobres. Assim, o percentual de eleitores que ainda avaliavam positivamente o governo fornecia combustível para que um candidato situacionista pudesse chegar ao 2º turno, embora dificilmente pudesse ganhar as eleições. (CARREIRÃO, 2004, p. 181).

Apesar de Serra ter focado sua campanha em segurança e emprego, a falta de credibilidade criada com o segundo mandato de FHC enfraqueceu seu discurso. Atrelado a essa desconfiança ao sucessor do PSDB, o nome de Lula ficou mais forte do que nunca. Desde 1989 que Lula vinha tentando ser presidente e sempre batia na trave. Em 2002 o cenário era de um povo que queria mudança e o próprio Lula era um político diferente. O clima da opinião favorecia a oposição. O candidato petista seria a primeira opção óbvia, muito por causa de sua oposição nos oito anos de governo FHC. Lula então usou do marketing político para reconstruir sua imagem.

Derrotado 3 vezes sucessivamente, sem experiência administrativa, com uma imagem de radical de esquerda, promotor de greves e sem diploma de ensino superior. Tudo isso não agradava aos olhos de empresários, bancários e empreiteiros. Nas eleições de 2002, porém, admitiu um tom mais conciliador, se vestindo de forma mais elegante, deixando de lado o visual de líder sindical. Se mostrar com uma equipe de especialistas para diversas políticas também deu credibilidade à mudança do candidato. E acima de tudo, Lula passou a dialogar de forma mais moderada para formar alianças.

O candidato Lula mostrava-se disposto a continuar com as linhas principais da política econômica e cumprir contratos assumidos com investidores estrangeiros; mostrava ainda que saberia ser flexível e negociar tudo que fosse necessário para o bem do país. Tudo isso com o auxílio de especialistas do partido que, de certa forma, compensariam a falta de preparo acadêmico e prático do próprio candidato. (COUTINHO, 2003, p. 114).

O “lulismo”, como ficou conhecido a atitude do ex-presidente em reunir e gerenciar uma coligação heterogênea, sofreu críticas dos setores mais fiéis à esquerda. Tanto que líderes como Heloísa Helena se desligaram do PT, surgindo o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), por exemplo. Apesar de Lula ter colocado o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e Partido Comunista do Brasil (PCdoB), sua coligação englobava partidos conservadores como Partido Liberal (PL) e Partido da Mobilização Nacional (PMN). A família Sarney apoiou Lula e contrariou o Partido da Frente Liberal (PFL) que estava apoiando José Serra. O próprio PFL decidiu por liberar integrantes do partido para evitar um racha.

O candidato petista se aproveitou da desestabilização da economia para acalmar o mercado e ganhar apoio das instituições privadas. A “Carta ao Povo Brasileiro” foi lida por Lula em junho de 2002 e culpou a gestão anterior pela crise econômica. Serra até que tentou, mas afirmações como “fuga de capital estrangeiro” e “descontrole da inflação” caso o PT ganhasse não surtiram tanto efeito quanto o discurso de Lula. O petista até comparou a tática

de Serra ao método utilizado da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) em colocar medo nas pessoas na época do Regime Militar contra o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Além disso, pesquisas afirmavam que os eleitores viam que os temas sociais e governar com mais “garra” e “emoção” eram qualidades que Lula tinha acima dos outros candidatos. A estratégia deu tão certo que Lula quase não sofreu ataques no primeiro turno. A disputa ficou entre o segundo lugar com Ciro e Serra.

Tanto que o petista quase vence sem precisar do segundo turno. Mas após afunilar a disputa para uma disputa de um contra um, Lula reiterou mais de uma vez que não queria conquistar apenas os eleitores de esquerda, como também os de direita. Anthony Garotinho e Ciro Gomes decidiram apoiar Lula. O PMDB, apesar de ser da base aliada do PSDB, teve dificuldades de manter o partido unido na causa. Muitos líderes regionais apoiaram Lula na reta final do pleito.

A vitória do petista não foi surpresa para os analistas que fizeram estimativa entre 48% e 50% no primeiro turno e 63% no segundo, ambas previsões acima do resultado final. Serra teve maioria em apenas um estado, que foi Alagoas.

GOVERNO LULA

Lula herdou a faixa presidencial em seu primeiro mandato já precisando resolver um problema incômodo para qualquer governante que quer implantar sua agenda: número insuficiente na base da câmara. Em um país presidencialista de coalizão com características como o Brasil tem, com estruturas políticas heterogêneas, é necessário fazer uma grande coalizão. Sérgio Abranches antes da primeira eleição direta em 1989 propôs que existiam 3 etapas para a formação da coalizão, pouca coisa mudou nesse sistema de coalizão em todos esses anos.

A formação de coalizões envolve três momentos típicos. Primeiro, a constituição da aliança eleitoral, que requer negociação em torno de diretivas programáticas mínimas, usualmente amplas e pouco específicas, e de princípios a serem obedecidos na formação do governo, após a vitória eleitoral. Segundo, a constituição do governo, no qual predomina a disputa por cargos e compromissos relativos a um programa mínimo de governo, ainda bastante genérico. Finalmente, a transformação da aliança em coalizão efetivamente governante, quando emerge, com toda força, o problema da formulação da agenda real de políticas, positiva e substantiva, e das condições de sua implementação. (ABRANCHES, 1988, p. 27-28).

Pensando que o Brasil possui alta heterogeneidade, uma certa propensão de conflito de interesses e um fracionamento partidário parlamentar, Lula cumpriu as três etapas de forma bem eficiente e gerenciou os problemas que uma coalizão heterogênea causa de forma que houvesse pouco impacto em sua governabilidade.

Para ter um número seguro para aprovar medidas, Lula precisou dialogar e fazer alianças. Após sua vitória, firmou parceria com legendas derrotadas. Inclusive, foi importante para o PT a adesão do PMDB em sua base, pois era o segundo partido com mais deputados na câmara. A união com o PMDB de José Sarney, vilão histórico do PT de Lula, foi fundamental e polêmica. Uma das formas de garantir essas alianças foi com promessas de cargos. Ciro Gomes, por exemplo, após ser derrotado na eleição, assumiu o Ministério da Integração Nacional, criado especialmente para ele por Lula.

O governo então com essas medidas de diálogo e negociação, conseguiu saltar de 311 deputados para 376 de um total de 513. Muitos deputados migraram também para partidos da base para ter acesso aos benefícios da “generosidade” do presidente. É possível dizer que nesse período, essas trocas foram feitas por interesses paroquiais e não por alinhamento ideológico. Porém, com uma amplitude ideológica muito grande na base, não eram todas as matérias que passavam. Era necessário negociar pontualmente, coisa que Lula fez de forma muito eficiente. Mesmo assim, ainda não conseguiu medidas importantes como reformas tributárias e na Previdência.

O governo Lula conseguiu manter conquistas econômicas importantes em seu mandato. A continuidade da estabilidade conseguida com o Plano Real, uma balança comercial favorável, e diminuir a dívida externa foram algumas das manutenções econômicas que o Governo Petista conseguiu manter. Programas de Aceleração de Crescimento (PAC) alimentavam a ânsia das empreiteiras, geravam empregos e de certa forma surtiam efeito na melhoria da infraestrutura do país. Apesar de terem surgido alguns elefantes brancos e obras inacabadas em seu mandato.

Tirando o primeiro ano do mandato de Lula, todos os outros sete mantiveram a inflação dentro da meta estabelecida. O Produto Interno Bruto (PIB) apresentou crescimento média de 4% entre 2003 e 2010, superando o governo anterior que havia mostrado crescimento de 2,3%. E após uma crise internacional em 2009, o Brasil pouco sentiu os efeitos, tanto que foi elogiado por órgãos internacionais. O desemprego, que era uma das pautas de FHC, pouco mudou no período tucano, mas no governo Lula a taxa atingiu o menor número, segundo o IBGE.

O Bolsa-família foi um programa que substituiria o Fome Zero e outros programas sociais, com moldes parecidos com o Bolsa-Escola, e que trouxe poder aquisitivo para a classe mais pobre. Ajudando a população com poucos recursos, a economia deu uma aquecida e houve mais incentivo para as crianças e jovens continuarem nas escolas. Porém, a polêmica do benefício era a de que servia como uma compra de votos velada, já que não havia tanta transparência dos dados e números do Bolsa-Família.

Buscando reduzir o déficit habitacional, o governo petista planejou construir casas baratas para a população. Com o programa “Minha Casa, Minha Vida” criado em 2009, Lula conseguiu diminuir o problema que as favelizações causam às cidades.

Outro detalhe sobre o período é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que teve uma melhora na taxa, se tornando um país classificado como de “alto desenvolvimento humano”. Porém, apesar da melhoria, a classificação do Brasil caiu de 63º para 75º. Essa queda se deu pela atualização de dados e a entrada de novos países na classificação.

As mudanças sociais que aconteceram nesse período (seja por forças externas, predisposição à crescimento ou por mérito da equipe do Governo Lula) elevaram o Brasil a um patamar de desenvolvimento que fizesse o mundo voltar os olhos às terras tupiniquins. Desenvolvimento que ajudou Lula a, inclusive, trazer a Copa Do Mundo de Futebol, os Jogos Olímpicos e investimento.

O Brasil se encontra entre os países que apresentam elevada trajetória de mudança social. Em termos internacionais, observa-se que o indicador de mobilidade social do conjunto da população apresenta-se muito diferenciado entre as nações. Ao se utilizar parâmetros relativamente homogêneos de medida da mobilidade social nacional, pode-se constatar que o Brasil localiza-se entre os países com as mais altas taxas de mudança social. (POCHMANN, 2011, p. 21).

Com essa alavancagem de investimento no social e na infraestrutura, o Brasil figurou entre o país com maior taxa de mobilidade social (63,2%), a frente de países como Suécia e Canadá. Antes de Lula, a taxa era menor que 40%. A educação também recebeu atenção com a criação do Programa Universidade Para Todos (ProUni) que distribui bolsas de estudo para universidades, facilitando pessoas de baixa renda de concluírem o ensino superior. Foram construídas também mais universidades federais.

ESCÂNDALOS DE CORRUPÇÃO

Na cerimônia de posse de seu primeiro mandato, Lula proferiu palavras de honestidade e ética. Aplaudido de pé, ganhou destaque e não abriu espaço para a mídia falar qualquer outra coisa que não fosse mudança e celebrar a chegada do “homem do povo” ao poder. Porém, o que se viu foi uma onda de corrupção vindo à tona rodeando pessoas próximas ao presidente.

O governo Lula foi marcado por vários casos de corrupção e falta de transparência envolvendo a base do governo e o partido em nível nacional e estadual. A partir de 2004, o governo enfrentou crises políticas. A primeira foi a de um assessor de José Dirceu, Ministro-Chefe da Casa Civil na época, que foi pego extorquindo o empresário e bicheiro Carlinhos Cachoeira. O destino do dinheiro seria para angariar fundos para a campanha política do PT e PSB no Rio de Janeiro.

Em 2005, José Nobre Guimarães, irmão do homem de confiança do PT, José Genoíno, foi preso com quase meio milhão de reais na cueca. O dinheiro teria sido um repasse do partido para ajudar na campanha de Cirilo, na época candidato à prefeito no Ceará. Apesar do escândalo, o mandato de Guimarães não foi cassado.

Mas o ápice dos escândalos, veio em 2005 com o “Mensalão”, que envolveu 39 acusados entre parlamentares, dirigentes do Banco Rural, ex-ministros pessoas ligadas ao partido. O esquema consistia em um pagamento generalizado de propina para que parlamentares votassem a favor da agenda do governo. Mais ou menos como uma mesada dada do governo aos parlamentares. José Dirceu foi apontado como o chefe do esquema.

Após o Mensalão, ainda houve o escândalo dos cartões corporativos. O governo Lula diminuiu a transparência em relação ao uso dos cartões. Com isso, foi o período em que mais foi gasto dinheiro com esse benefício. Destaque para a Secretária da Igualdade Social, Matilde Ribeiro, que foi líder em gastos. Porém, a Comissão Parlamentar de Inquérito acabou por isentar todos os envolvidos. Em 2006, também veio à tona o escândalo das Sanguessugas.

IMAGEM DO PT E LULA

O uso da máquina estatal e do dinheiro público para benefício próprio foi um problema para Lula perder prestígio entre alguns eleitores. Porém, a aprovação popular do governo petista foi bastante alta mesmo assim. De fato, o governo foi inteligente em se eximir da culpa dos escândalos. Lula se afastou de todos os envolvidos e continuou investindo nas suas políticas sociais. Atitudes que mantiveram a popularidade em alta mesmo com investidas por todos os lados.

De qualquer forma, em 2006, Lula enfrentou um ambiente eleitoral bastante distinto do de 2002; bem mais hostil e com forte oposição vinda não só da direita, mas também de antigos correligionários. Não surpreendentemente Lula focou sua campanha no sucesso da gestão econômica e da política social, utilizando o horário eleitoral gratuito na televisão para enfatizar seu desempenho político nas frentes econômica e social. Essa estratégia mostrou-se acertada, já que pesquisas de opinião pública apontavam vitória do presidente no primeiro turno. (HOEPERS, 2010, p. 142).

Contrariando as previsões, Lula não ganhou no primeiro turno, mas ganhou o segundo com facilidade. Então por qual motivo então o primeiro turno foi pior do que se pensava?

Primeiro, eleitores que normalmente votariam em Lula, e que votaram nele em eleições anteriores, deixaram de fazê-lo no primeiro turno de 2006 por estarem frustrados com os recorrentes escândalos de corrupção. Mesmo assim, tais eleitores ainda teriam Lula em uma posição bastante alta em seu ordenamento de preferências sobre os candidatos. (HOEPERS, 2010, p. 143).

É possível afirmar então que Lula ainda estava bem mais avaliado do que o adversário Geraldo Alckmin. Apesar do voto punitivo no primeiro turno, os eleitores não se dispuseram a votar em um candidato tão distante ideologicamente. Eleitores de Heloísa Helena se encaixam nesse perfil. Insatisfeitos com os escândalos, decidiram punir o governo Lula. No entanto, é óbvio que os eleitores da Heloísa dificilmente votariam na chapa tucana, passaram então a levar em conta os atributos favoráveis ao petista.

Nas eleições de 2006, concorreram: Lula pelo Partido dos Trabalhadores (PT); Geraldo Alckmin pelo Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB); Heloísa Helena pelo PSOL; Cristovam Buarque pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT); Ana Maria Rangel pelo Partido Republicano Progressista (PRP); José Maria Eymael pelo Partido Social Democrata Cristão (PSDC); Luciano Bivar pelo Partido Social Liberal (PSL); e Rui Costa Pimenta pelo Partido da Causa Operária (PCO). Lula ganhou no primeiro turno por apenas 7 pontos de Alckmin (48% e 41%), muito por causa do voto de protesto. Heloísa Helena foi a terceira mais votada com 7%. Porém, no segundo turno, o resultado foi amplamente favorável ao petista, vencendo por 61% contra 39% do candidato tucano. Alckmin ganhou em mais estados que Serra, com um total de 10 estados.

Com os casos de corrupção ainda acontecendo e repercutindo no segundo mandato, Lula mesmo assim conseguiu formar sua sucessora, Dilma Rousseff. A ex-ministra de Minas e Energia e da Casa Civil no governo Lula não chegou com status de política forte, mas como uma mulher que iria gerir o país de forma exemplar. Foi uma mulher de confiança de Lula

para assumir, mas sempre com o ex-presidente por trás. Dilma inclusive foi eleita e reeleita, sempre com Lula como figura forte com ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O descrédito econômico, os poucos avanços e a vontade de mudança foram pilares fundamentais para Lula vencer o pleito em 2002 e se tornar o primeiro presidente de esquerda a assumir o posto máximo na política brasileira. Para chegar onde chegou, Lula precisou alterar para um discurso moderado e mudar a imagem de metalúrgico para alguém com mais cara de político. Outro detalhe é que ele precisou fazer alianças com partidos não alinhados com os ideais de esquerda, formando uma aliança heterogênea.

Com minoria no parlamento, Lula precisou dialogar com partidos derrotados na campanha, muitos políticos migraram o apoio para o governo petista buscando a generosidade que a aliança trazia. O mandato petista trouxe avanços sociais e uma estabilidade econômica que permitiu o Brasil melhorar os números em índices internacionais.

Nesses oito anos de governo, houveram muitos casos de corrupção que se interligavam com o PT e pessoas próximas a Lula. Porém, o que se viu foi um presidente com muita resiliência, se afastando dos envolvidos e se pondo como responsável pelos avanços sociais. Apesar de ter havido um voto punitivo por parte de uma parcela dos eleitores, a distância ideológica do adversário não permitiu que Lula perdesse nas eleições de 2006 e nem impediu que ele formasse sua sucessora na presidência.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. **Presidencialismo de Coalizão: o dilema institucional Brasileiro**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro. vol. 31, nº 1, p. 5-34. 1988.

CARREIRÃO, Yan. **A eleição presidencial de 2002: uma análise preliminar do processo e dos resultados eleitorais**. Revista Sociologia Política, nº 22, p. 179-194. Jun, 2004.

COUTINHO, Ciro; FIGUEIREDO, Rubens. **A eleição de 2002**. Opin. Pública, vol. 9, nº 2. Outubro, 2003.

HOEPERS, Bruno; RENNÓ, Lucio R. **Voto estratégico punitivo: transferência de votos nas eleições presidenciais de 2006**. CEBRAP, São Paulo, nº 86, Mar, 2010.

POCHMANN, Marcio. **Políticas sociais e padrão de mudanças no Brasil durante o governo Lula**. SER Social, vol. 13, nº 28, p. 12-40. Jan./Jun. 2011.